

LINGUÍSTICA, COMUNICAÇÃO E A IDENTIDADE DA PALAVRA

Fátima Cristina Rivas Filipe de Oliveiraⁱ

Idemburgo Pereira Frazão Félixⁱⁱ

As línguas são corpos naturais que se formam por meio de leis definidas e possuem um princípio vital intrínseco, o qual as faz morrer aos poucos.

(Franz Bopp 1791- 1867 Revista Língua Portuguesa. p. 48, Ano 8, nº 90, 2013.)

155

Resumo: Neste artigo, o leitor poderá observar que a linguagem, como fator social, é também influenciada por processos individuais. A ação destes indivíduos dentro de seu grupo fortifica a ideia de que a língua é formada pela interação social e pode ser definida em seus diversos cenários: escritos e falados. Nestes cenários, veremos que há vários papéis: o de interlocutor e do falante e que sem as atividades sociais, não haveria a língua. De acordo com Roman Jakobson, toda língua materna apresenta aos seus falantes uma forma de conhecer e agir no mundo que é única. A palavra falada envolve todos os sentidos intensamente, embora as pessoas altamente letradas tendam a falar de maneira tão concatenada e natural quanto lhes é possível. A língua está diretamente inserida nas questões de espaço, tempo e cultura. Ela possui o poder de reunir comunidades de todos os lugares e de apresentar a cultura de cada uma para o mundo.

Palavras-chave: linguística – tradução – comunicação

LINGUISTICS, COMMUNICATION AND THE IDENTITY OF THE WORD

Abstract: In this article, the reader may observe that because language is a social factor, it is also influenced by individual processes. The action of these individuals in their groups strengthens the idea that language is composed by the social interaction and can be defined in its various scenarios: written and spoken. In these scenarios, we will see that there are several roles: the interlocutor and the speaker and without these social activities, there would be no language. According to Roman Jakobson, every mother tongue presents to its speakers a way of knowing and acting in the world which is unique. The spoken word involves all the senses intensely, though highly literate people tend to speak in a concise and natural manner as much as they can. Language is directly related to space, time, and culture. It has the power to bring together communities from everywhere and to present the culture of each one to the world.

Keywords: linguistics - translation - communication

Introdução

A Ciência da linguística surgiu dos estudos feitos entre as línguas românicas e germânicas. Segundo Ferdinand de Saussure (1970), os romanistas estavam em condições privilegiadas, pois além de apropriarem-se do latim, possuíam ao seu dispor uma grande quantidade de documentos que os permitiam estudarem a evolução desta língua. Por outro lado, os germanistas também se permitiam estudar sobre os idiomas antigos, porque o protogermânico também foi registrado, dando origem à história dessa língua, podendo ser analisada por meio de inúmeros documentos.

Primeiramente, pensou-se a linguística como o estudo da Gramática, mas depois se observou que este estudo era totalmente desprovido de visão científica e muito distante das características linguísticas. Em seguida, pensou-se esta ciência através da Filologia, na qual seu objeto de estudo era comentar e comparar textos de diferentes momentos, interpretá-los e analisar a história literária. Um terceiro momento surgiu quando os estudiosos da linguística observaram que as línguas poderiam ser comparadas e daí surgiu a Gramática Comparada.

Segundo Ferdinand de Saussure, o teórico e linguista alemão Franz Bopp, em 1816, começou a estudar comparativamente a língua sânscrita em um sistema de conjugação e apreendeu que as relações que havia entre o latim e o sânscrito, entre este último com o grego e o germânico, poderiam dar origem a uma ciência autônoma. Outros estudiosos continuaram sua pesquisa:

Desde o início, surgem, ao lado de Bopp, linguistas eminentes: Jacob Grimm, o fundador dos estudos germânicos (sua gramática alemã foi publicada de 1822 a 1836); Pott, cujas pesquisas etimológicas colocaram uma quantidade considerável de materiais ao dispor dos linguistas; Kuhn, cujos trabalhos se ocuparam, ao mesmo tempo, da linguística e da Mitologia comparada; os indianistas Benfey e Aufrecht, etc. (SAUSSURE, 1970, p. 9)

Segundo o autor Saussure (1970), a linguística formou-se através dos estudos de qualquer e toda manifestação da linguagem humana e possui relações próximas e bem definidas com outras ciências, mas esta delimitação entre a linguística e as demais disciplinas não é definida ou nítida e, portanto, não há como saber onde começa ou termina a área de atuação de cada uma.

O interessante é observar que apesar das delimitações não definidas, estas ciências recebem, fazem uso e emprestam dados entre si, de modo a estabelecer ligações fortes e importantes para o estudo da linguagem utilizada pelo homem, seja se tratando de comunidades primitivas ou das ditas civilizadas. As expressões humanas examinadas por esta ciência são de tempos e locais diferentes, portanto, nem o tempo ou o espaço impediu que houvesse o estudo da descrição das línguas, sua constituição e história.

Língua e Linguagem

O linguista mineiro Marcos Bagno (2002) diz que a língua não é abstrata, apesar de necessitar de um veículo que a expresse e este canal são os seres humanos dentro de uma realidade histórica, cultural e social, pois o idioma é um produto desta atividade, podendo ser estudada e analisada na sua concretude:

A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – “a língua” – para um plano concreto – os falantes da língua. (BAGNO, 2002, p. 23)

A língua e a linguagem estão diretamente inseridas nas questões de espaço, tempo e cultura. Elas têm o poder de unir povos de todos os cantos e de apresentar a cultura de cada um para o mundo. A língua, seja escrita ou oral, é a forma de manifestação das civilizações e registro de seus feitos. Constitui fator social importante.

A linguagem é um aspecto social e inerente à cultura geral e a linguística é de suma importância a todos aqueles que, em algum momento, farão uso de textos para algum fim. Muitas disciplinas estão diretamente associadas a ela, ou vice-versa: a antropologia, a psicologia, a história, a fisiologia e também a filologia.

Colocar a língua como sendo um fator identitário de uma sociedade esclarece muitos problemas antropológicos, e o mesmo se pode dizer da antropologia para problemas linguísticos. Relacionar a língua com a antropologia trás aspectos relevantes para este estudo, pois a comunicação faz parte de uma cultura. O linguista e tradutor Roman Jakobson fala que é muito difícil estudar uma linguagem separadamente dos antropólogos, pois estes afirmam que ela faz parte da vivência comunitária de cada povo e sem as tradições culturais torna-se difícil analisá-la. Jakobson complementa que:

Com efeito, os antropólogos têm sempre afirmado e provado que a linguagem e a cultura se implicam mutuamente, que a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social, que a Linguística está estreitamente ligada à Antropologia Cultural. (JAKOBSON, 1969, p. 17).

O indivíduo transforma e é transformado pela língua, pois este está inserido na sociedade que possui uma identidade cultural como aspecto influenciador da comunicabilidade e vice-versa. Portanto, a “linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.” (SAUSSURE, 1970, p. 16)

A linguagem permite compreender melhor o universo, realizando a sua leitura e nomeando coisas, e a língua, como função primordial, completa a função de comunicação entre os indivíduos. Ela ainda tem a função de nomear um passado em que não havia os seres humanos e projetar um futuro longínquo. A palavra também é viva e, “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado”. (SAUSSURE, 1970, p. 16). Com isso, o autor nos relata que este sistema linguístico é orgânico e sofre diversas mutações, pois a língua está inserida nas mudanças biológicas.

Saussure afirma que a linguagem é inerente ao ser humano, portanto apresenta-se imutável, ao contrário da língua que é um produto criado socialmente e historicamente através de convenções que um grupo de indivíduos estabelece dependendo das suas necessidades. “A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele.” (SAUSSURE, 1970, p. 17)

A Mutabilidade da língua no tempo e no espaço

A língua é um fator social cambiante e regido por convenções, além de sofrer interferência com as causas geográficas, ou seja, o espaço. Sendo assim:

O tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos e, em certo sentido, pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo. (SAUSSURE, 1970, p. 89)

Saussure acreditava que a língua se transformava sempre. Há uma dicotomia: o tempo transforma, no sentido de registrar, e o espaço a mantém amarrada em sua estrutura expressiva. A língua é alterável, ela se modifica e se adequa a cultura local. Por isso o linguista diz: “Eis porque o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade”. (SAUSSURE, 1970, p. 89). O autor sinaliza que a língua também se altera com o tempo sem que o indivíduo perceba esta modificação.

Na configuração desse sítio, Jakobson sinalizou: “Ora, como sabemos muito bem, uma das tarefas essenciais da linguagem é vencer o espaço, abolir a distância, criar uma continuidade espacial, encontrar e estabelecer uma linguagem comum ‘através das ondas’.” (JAKOBSON, 1975, p. 24). O autor comentou sobre linguagem como um canal de inserção entre as diversas comunidades linguísticas e uma ferramenta de aquisição de novas culturas e

meios para a sobrevivência destas comunidades. Sem comunicação interativa não há cultura que se estabeleça e a recíproca é a mesma, uma cultura não se estabelece sem o convívio com outra língua.

O professor canadense Guiles Gagné diz que a existência das comunidades oriundas de povos que colonizaram uma determinada região, assegurada pela identidade e seu nome étnico, foram constituídos pela língua, pois geralmente o nome dado a esse grupo é o mesmo nome de sua língua oficial: “A língua constitui um dos fatores-chave da existência e da definição das comunidades, um elemento essencial de identificação nacional. No Quebec, por exemplo, o francês exerce um papel-chave para a coletividade francófona na definição de sua identidade em relação à América do Norte anglófona.” (BAGNO, 2002, p. 181). Quanto mais conhecida for essa língua, quanto mais estendida for a sua abrangência, maior será a comunicação desta comunidade com outras que falam a mesma língua e também será seu acesso às diversas informações e tipos de linguagens, sejam elas tecnológicas, literárias, etc.

Saussure aborda questões bilaterais como influenciadoras diretas na diversidade de línguas num mesmo espaço geográfico, afirmando que “A separação geográfica é sempre o fator mais geral da diversidade linguística.” (SAUSSURE, 1970, p. 224). Como sabemos, a cultura local que está condicionada a novas línguas é um dos feitos transformadores diretos nas interferências que a língua absorve, ademais da característica da língua ser um fato social. O linguista fala que, muitas vezes, línguas diferentes coexistem num mesmo espaço geográfico, pelo motivo de conquistas ou sobreposição de culturas, e que estas podem não interferir uma na outra. Podemos citar o Canadá, onde a primeira língua oficial é a língua inglesa e a segunda é o francês. Contudo, ele observa que, em diversos locais, o idioma regional muitas vezes é ameaçado por interferências linguísticas, devido ao uso de sua notoriedade, e que isso se dá, não só pela grande importância deste idioma, mas, também, pelo grande grau de civilização desta cultura ou região que faz uso da mesma. Com isso, os dialetos ficam esquecidos meio a tantas outras opções de uso da língua,

pois a partir do momento que tal 'língua' torna-se oficial, todos, conscientes ou inconscientemente, procuram utilizá-la pelo seu prestígio.

Ao se fazer uso da palavra "inconscientemente" no parágrafo anterior, o objetivo principal é mostrar que por razões inerentes à condição de falantes de uma determinada língua, utiliza-se um canal de comunicação que seja compreensivo a todos, seja por questões políticas, sociais ou até mesmo de generalizações que se faz diariamente no uso da expressão local, onde se misturam elementos dialetais que influenciarão na comunicação e na própria cultura.

O fato é que essas modificações levam tempo, não acontecem de uma hora para a outra e, portanto, o falante de uma língua está inserido nestas mudanças, como agente e paciente de toda e qualquer alteração linguística, por menor que ela seja, pois toda cultura é influenciada por sua diversidade geográfica e linguística. Esta demarcação entre o antigo dialeto e as modificações que ocorreram na língua não é visível, pois estas são absorvidas como parte natural do cotidiano, inserindo-se na cultura local e modificando os comportamentos perante a sociedade e o mundo. No entanto, a convivência de idiomas diferentes numa mesma sociedade é compreensível.

Saussure analisa que o tempo é o maior influenciador das modificações dentro de uma língua. E que a diversidade geográfica não é tão responsável por isso. Ele observa que se um grupo de pessoas for retirado de um local e inserido em outro, continuará falando o mesmo idioma, no dia seguinte. O distanciamento somente não cria uma diversidade linguística. Há que observar a passagem do tempo e suas influências nestas modificações, pois "não existe imobilidade absoluta em matéria de linguagem" (SAUSSURE, 1970, p. 230). O tempo é um dos maiores influenciadores da língua, porém, por não ser algo perceptível fisicamente, é deixado para um segundo plano. "A evolução não será uniforme em toda a superfície do território, mas variará de acordo com os lugares; jamais se comprovou que uma língua se modificasse da mesma maneira na totalidade do seu domínio." (SAUSSURE, 1970, p. 230). Desta forma, nem todo o território

sofrerá as mesmas modificações, mas surgirão variações dialetais aqui e ali, pois somente uma porção deste domínio sofre estas alterações na língua.

O papel da Linguística e da Comunicação

Jakobson se opunha a ocorrência de uma “espécie de isolacionismo” quanto a Linguística em relação à análise interdisciplinar que ela se dispõe. Segundo o linguista:

Quantos slogans não houve que opunham a Linguística à Antropologia, a Linguística do Hemisfério Ocidental à do Hemisfério Oriental, a Análise Formal à Semântica, a Linguística Descritiva a Linguística Histórica, o Mecanismo ao Mentalismo e assim por diante. Isso não quer dizer que recusemos a importância da especialização, a necessidade de focar problemas limitados; mas sabemos que se trata de diferentes modos de experimentação e não de pontos de vista exclusivos (JAKOBSON, 1969, p. 16)

Como ressaltou Jakobson, a especialização, de certa forma, também é importante para focar em “problemas limitados”, mas é importante experimentar de diferentes modos e não com exclusividade para um deles, isolando-os. O importante é que se utilize a Linguística como ciência de apoio para uma análise mais abrangente que ajude, ao mesmo tempo, a distinguir melhor a área de estudo. Seria muito difícil tentar isolar o nível morfológico da linguagem sem tomar como referência outros níveis como o fonológico, semântico, etc.

Em seus estudos sobre a Teoria da Comunicação, Jakobson (1969), comentou que durante certo período, a Linguística e a Comunicação foram direcionadas a tratarem toda e qualquer consideração relativa ao ‘sentido’ como uma espécie de ‘ruído semântico’ e a excluir a semântica do estudo das mensagens verbais. Atualmente, os linguistas evidenciam uma tentativa de reintroduzir a significação.

Segundo Vera Menezes, Marina Silva e Iran Gomes (2009), a Linguística Aplicada (LA) realiza sua pesquisa sobre o prisma da linguagem como prática

social, tanto no contexto de aprendizado de uma segunda língua como o da língua materna, sendo tanto interdisciplinar como transdisciplinar. Era aplicada, inicialmente, no ensino de línguas estrangeiras, como forma de melhorá-lo.

Moita Lopes diz que:

Até bem recentemente, a LA era entendida como um apêndice da linguística (dentro da tradição de LA como aplicação de linguística) e isso foi certamente prejudicial ao desenvolvimento da LA como uma área independente de investigação. Este equívoco ajudou a gerar um preconceito contra a LA, já que escamoteava a natureza da pesquisa em LA e sua contribuição para a solução de problemas de uso da linguagem na sociedade (no ensino/aprendizagem de línguas, por exemplo). (MOITA LOPES, 1996, p. 28)

163

Segundo Jakobson, toda comunicação linguística possui fatores fundamentais da comunicação que envolve uma mensagem e quatro elementos: emissor, receptor, tema e mensagem. Quanto a este último, afirmou que quando damos ênfase a ele, devemos entender o conteúdo com mais clareza estudando a função poética:

O tema próprio das pesquisas sobre poesia não é outro senão a linguagem considerada do ponto de vista de sua função predominante: a ênfase na mensagem. [...] A concepção da linguagem poética como uma forma de linguagem onde a função poética é predominante ajudar-nos-á a compreender melhor a linguagem prosaica de todos os dias, em que a hierarquia de funções é diferente, mas em que tal função poética (ou estética) tem necessariamente um lugar e desempenha um papel tangível tanto do ponto de vista sincrônico como sob o ponto de vista diacrônico. (JAKOBSON, 1969, pp. 20-21)

Jakobson, ao analisar a linguagem, compara as diferentes atribuições do decodificador e do criptanalista. Segundo ele, são posições diferentes, pois o sujeito decodificador também é destinatário da mensagem, enquanto que o criptanalista decodificava mensagens nas épocas de guerras, mas estas não eram destinadas a eles. Eles eram apenas interceptores da informação. Ainda sobre este assunto, o autor comenta que o decodificador é também destinatário da mensagem, só que um destinatário virtual. Ele apenas tenta decodificar,

decifrar e deduzir uma língua que não conhece o código desta, pois, é a partir do código da mensagem, que o receptor compreende a mesma.

Jakobson vai mais além nesta questão, dizendo que quando se utiliza por um longo tempo uma determinada técnica como faz um criptanalista militar, esta passa a ser algo do cotidiano, algo normal no dia a dia e, portanto, acredita-se que a sua aplicação nos estudos seja a melhor forma para a compreensão de algo.

Mas em verdade um método desses representa apenas um papel marginal e excepcional na comunicação comum, e a tarefa do linguista é começar como criptanalista para acabar como decodificador normal da mensagem. Seu ideal é tornar-se semelhante a um membro da comunidade linguística estudada. O criptanalista observa alofones e busca os fonemas. Mas os fonemas, os invariantes, são muito mais familiares ao decodificador, ao membro da comunidade linguística, do que as variantes. Pouco importa a este o que sejam alofones. Interessa-lhe distinguir os contrastes fonológicos de modo a compreender o texto. (JAKOBSON, 1969, p. 23-24)

É sabido que no ato da fala, palavras são selecionadas e inseridas em frases ou unidades linguísticas coerentes, e que estas são combinadas em enunciados, de acordo com a sintaxe da língua. Há uma seleção das palavras a serem utilizadas e que devem ser também do conhecimento com quem se fala (o destinatário da conversa), caso contrário não se estabelecerá uma comunicação.

Logicamente o conhecimento de mundo que o receptor possui, calcado em toda sua cultura, o ajudará na compreensão. O repertório de palavras terá significado para o receptor e o emissor se for utilizado entre eles um código comum.

A lógica simbólica não tem deixado de lembrar-nos que as 'significações linguísticas', constituídas pelo sistema das relações analíticas de uma expressão com outras expressões, não pressupõem a presença das coisas. Os linguistas, ao contrário, fizeram o impossível para excluir a significação, e todo recurso à significação, da Linguística. Dessarte, o campo da significação permanece uma terra de ninguém. Por anos e décadas, temos lutado no sentido de anexar os sons da fala a Linguística, constituindo assim a fonologia. Devemos agora abrir

uma segunda frente: estamos diante da tarefa de incorporar as significações linguísticas à ciência da linguagem. (JAKOBSON, 1969, p. 33).

A tradução

Jakobson aborda sobre o bilinguismo e afirma que para ele é uma questão-problema fundamental da linguística, pois as pessoas acham que devem separar as línguas em seções estanques, interferindo e segregando as línguas contíguas. Quanto mais línguas são conhecidas, maior o poder de difusão de certos fenômenos, estruturas gramaticais que os não-bilíngues não possuem. Isso dá maior poder e prestígio aos bilíngues, porque estes podem influenciar, com a sua perspicácia na fala, mais ouvintes. “Pierce dá uma definição incisiva do principal mecanismo estrutural da linguagem quando mostra que todo signo pode ser traduzido por outro signo no qual ele está mais completamente desenvolvido.” (JAKOBSON, 1969, p. 32).

Para Jakobson, o significado de um signo linguístico, tanto para o usuário como para o linguista, é a própria tradução por outro signo sinônimo, ou seja, poder-se-á converter ‘homem não casado’ em ‘homem solteiro’, desde que torne a tradução mais clara. “Desde que haja interpretação, emerge o princípio da complementariedade, promovendo a interação do instrumento de observação e da coisa observada.” (JAKOBSON, 1969, p. 15).

Com isso, Jakobson (1969) nos relata que melhor que traduzir literalmente sem haver nenhuma compreensão, é interpretar o que compreendeu com o conhecimento que se tem da língua de destino e com a criatividade que se possa utilizar, sem ultrapassar os limites da tradução e, ao mesmo tempo, sem deixar que os limites interfiram no poder de criação e de adaptação. Segundo ele, há três formas de se interpretar um signo verbal: tradução intralingual ou reformulação; tradução interlingual ou tradução propriamente dita; tradução intersemiótica ou transmutação. Acredita que não há uma equivalência completa entre as unidades de código.

Como exemplo do primeiro tipo de tradução (intralingual), podemos dizer que ‘toda criança é menor, mas nem todo menor é criança’, ou seja, uma unidade

de código de alto nível só pode ser interpretada por meio de uma combinação de códigos ou de mensagens referentes a esta unidade de código.

Quanto ao segundo exemplo de tradução (interlingual), o autor afirma que também não há equivalência perfeita entre as unidades de código, e que, por muitas vezes o tradutor necessita substituir mensagens por mensagens inteiras de outra língua, não por unidades de código separadas. O tradutor reescreve como que num discurso indireto. “Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes” (JAKOBSON, 1969, p. 65).

As atividades de tradução ou a prática generalizada da comunicação interlingual, segundo Jakobson, devem ser objetos de preocupação da ciência linguística, pois a “faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar a cerca dessa língua. ” (JAKOBSON, 1969, p. 67). O tradutor tem por obrigação conhecer a respeito da composição das línguas analisadas, sua formação cultural, léxica, morfologia e a sintaxe. Desta forma, será possível para ele determinar o vocabulário correto a ser empregado e revisar determinadas aplicações deste. E, acima de tudo, deverá conhecer bem a língua a que se destina a tradução.

Para Jakobson, “A ausência de certos processos gramaticais na linguagem para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original. ” (JAKOBSON, 1969, p. 67). Qualquer deficiência ou diferença entre as línguas da pesquisa, poder-se-á realizar transferências semânticas ou substituições, aplicações de neologismos, empréstimos linguísticos, dentre outros. Fidelidade e criatividade se acompanham na realização de uma tradução.

Ao traduzir certa expressão e constatarmos que “alguma categoria gramatical não existe numa língua dada, seu sentido pode ser traduzido nessa língua com a ajuda de meios lexicais” (JAKOBSON, 1969, p. 68), pois todo o conhecimento que se tem de uma língua, seja ele lexical ou gramatical, deve ser aplicado em qualquer língua a que se destina o objeto da tradução. Também a observação de características importantes das línguas examinadas como formas duais ou palavras inexistentes em alguns idiomas. Na língua inglesa, por

exemplo, faz-se uso do verbo “*to miss*” para representar “saudade”, uma vez que esta palavra é inexistente em seu vocabulário.

Outro exemplo seria as formas duais de palavras como “pais” que na língua portuguesa tanto pode significar (pai e mãe) = dualidade, como também o plural de pai (pais). Já, na língua inglesa não há esta característica: “pais” pode significar “*parents*” = “pai + mãe” ou “*fathers*” = plural de “*father*” (somente os pais).

Jakobson diz que “É mais difícil permanecer fiel ao original quando se trata de traduzir, para uma língua provida de determinada categoria gramatical, de uma língua carente de tal categoria.” (JAKOBSON, 1969, p. 67). Ele observa que em algumas línguas permitem opções a serem escolhidas pelo tradutor ou deixar ambas à escolha do leitor, respeitando sua melhor compreensão e relacionamento com o texto lido.

O terceiro tipo (tradução intersemiótica) realiza-se através do uso dos signos não verbais para se interpretar os signos verbais.

Sabe-se que toda a tradução está sujeita a interpretações do próprio tradutor, não descartando as possibilidades de compreensão do receptor desta mensagem – o leitor final. Pode, então, haver uma perda de significação ou uma ressignificação do sentido da oração. Quanto mais completo em termos de sentidos e contexto, menor será o distanciamento do objetivo do escritor, quando do momento de sua escrita. Em trechos de uma entrevista dada pelo letrista Carlos Rennó à Revista Língua Portuguesa, sobre a tradução da música “*Let’s do it*” (*Let’s fall in love*), de Coler Poter, ele fala de suas dificuldades existentes nesse ofício, levando em consideração a sonoridade e outros elementos poéticos:

Uma grande dificuldade foi a de sempre, sempre q¹ a canção original é escrita em inglês: o inglês é muito mais sintético q o português, e para dizer em nossa língua o mesmo q – digamos – 10 sílabas em inglês, precisamos de umas 17. Isso representa uma dificuldade de ordem técnica difícil de suplantar quando o

objetivo é verter transpondo o sentido do texto original em sua essência. (PERISSÉ, 2013, p. 41) ¹

Segundo Jakobson, quando se trata de poesia, as categorias gramaticais possuem um teor muito importante na tradução ou recodificação. A linguagem em sua aplicação linguística depende pouco do sistema gramatical, pois o seu nível cognitivo admite e exige a interpretação através de outros códigos como a própria tradução. Também, “As línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar.” (JAKOBSON, 1969, p. 69)

168

Linguística e Poética

Para o linguista russo Jakobson, a poética e a linguística caminham lado a lado, pois:

A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística. (JAKOBSON, 1969, p. 119).

Ademais, para a tradução de textos escritos em poesia, Jakobson é categórico em afirmar que a ressignificação tem que ser levada em consideração, esclarecendo que:

Em poesia, as equações verbais são elevadas à categoria de princípio construtivo do texto. As categorias sintáticas e morfológicas, as raízes, os afixos, os fonemas e seus componentes (traços distintivos) – em suma, todos os constituintes do código verbal – são confrontados, justapostos, colocados em relação de contiguidade de acordo com o princípio de similaridade e de contraste, e transmitem assim uma significação própria. A semelhança fonológica é sentida como um parentesco semântico. O trocadilho, ou, para empregar um termo mais erudito e talvez mais preciso, a paronomásia, reina

¹ O letrista Carlos Rennó gosta dos jogos verbocovisuais dos concretistas – a ponto de responder a esta entrevista mantendo o uso do “q”, assim, em abreviação à partícula “que”. Autor de versão de *Let's do it.* (Gabriel Perissé)

na arte poética; quer esta dominação seja absoluta ou limitada, a poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual – de uma forma poética a outra –, transposição interlingual ou, finalmente, transposição intersemiótica – de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura. (JAKOBSON, 1969, p. 72)

Com isso, ao se traduzir poemas de forma literal em algum outro idioma, além das rimas e sonoridade que se apresentam como obstáculos para isso, o tradutor se vê na condição de criar ou substituir os signos por outros.

A poética não faz somente o estudo da arte verbal, há outras possibilidades de análise. Pois estas artes podem ser transformadas e/ou comparadas às outras linguagens ou tipos, pois os signos estão presentes em toda a forma de expressão. Como exemplo, algumas obras literárias que são transformadas em filmes, curtas, em histórias em quadrinhos, óperas, ou seja, os traços poéticos estão presentes em todo o tipo de linguagem, seja visual, verbal ou musical.

Segundo o autor, qualquer estrutura linguística possui uma finalidade dentro de um determinado espaço e tempo e uma das preocupações da ciência da linguística está na expansão destes fenômenos ao serem comparados à abrangência dos modelos espacial e temporal.

Últimas considerações

Roman Jakobson foi o maior colaborador de Ferdinand de Saussure que influenciou vários outros pensadores, dentre eles, Marshall McLuhan, outro grande teórico da comunicação. Para McLuhan:

A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhes permite deslocar-se de uma coisa a outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos. A linguagem projeta e amplia o homem, mas também divide as suas faculdades. A consciência coletiva e o conhecimento intuitivo ficam diminuídos por esta extensão técnica da consciência que é a fala. (MCLUHAN, 1974, p. 97-98)

Também, segundo McLuhan, o alfabeto fonético interferiu em significados e conhecimentos consolidados acerca das línguas se comparado aos ideogramas chineses e o hieróglifo. Interpreta a palavra escrita como uma separação das experiências auditivas e visuais que o homem possuía até então, reduzindo a função do tato, som e do paladar nas diversas culturas letradas.

O alfabeto fonético é uma tecnologia única. Tem havido muitas espécies de escrita, pictográficas e silábicas, mas só há um alfabeto fonético, em que letras semanticamente destituídas de significado são utilizadas como correspondentes a sons também semanticamente sem significação. (MCLUHAN, 1974, p. 102)

170

A língua mantém a identidade social do grupo, portanto é uma importante ferramenta de análise das comunidades. Conforme o tempo passa, a língua muda e os processos de transformação dentro de uma cultura também a acompanham. Os processos históricos, sociais e regionais que explicam estas evoluções ou involuções na língua precisam ser estudados.

A expressão “erro comum” constitui, do ponto de vista linguístico, uma contradição em termos: se é comum, não pode ser qualificado de erro, mas simplesmente de uso comum, já que é a comunidade de falantes que, num trabalho constante com a língua e sobre a língua, vai empregando e recriando o idioma ao longo da história. (BAGNO, 2002, p. 65)

A linguística influenciou consideravelmente a teoria da tradução além de outros campos de atuação, pois, graças a ela, surgiram as primeiras descrições minuciosas das atividades que os estudos literários ou as ciências humanas utilizaram, conforme observa Michaël Oustinoff:

A contribuição da linguística para a teoria da tradução é considerável, tanto quanto para o campo dos estudos literários (influência de Hjelmslev sobre Roland Barthes, por exemplo) ou para as ciências humanas, como a etnologia (Lévi-Strauss, por exemplo) ou a psicanálise (Lacan e “o inconsciente estruturado como uma linguagem”). A importância de que se reveste a tradução no que diz respeito à linguística é primordial, de maneira que Roman Jakobson enfatiza: “a equivalência na diferença é o problema cardinal da linguagem e o principal objeto da linguística”. (OUSTINOFF, 2011, p. 57)

Roman Jakobson é sem dúvida uma das maiores autoridades da teoria linguística e literária, renovando as principais ideias do Círculo Linguístico de Moscou e de Praga do século passado, inserindo seu teor no campo científico. Assim, é que aqui propus algumas relações multidisciplinares para impulsionar as comunicações humanas em sua profundidade intelectual.

Bibliografia

ALVARENGA, Magali Barçante. Configuração da Abordagem de Ensinar de um Professor com reconhecido nível teórico em Linguística Aplicada, In: ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. (org.) **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005. p. 111-125.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, Variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: editor da Universidade de Brasília, 1999. p. 385-419.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução: Fundamentos de uma disciplina**. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. Portugal, 2003.

BEIDER, Liba. Estrutura Linguística. In: **Estruturalismo**. Revista de Cultura. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro.

CLARK, Herbert H. O Uso da Linguagem, In: **Cadernos de Tradução nº 9**. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, jan-mar, 2000.

ESTEVES, Lenita Rimoli. A Ética da Tradução e seus Limites, In: **Palavra nº 4. Tradução e interpretação**. Periódicos I. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Vozes, 1997.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein, José Paulo Paes. 8ª ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1969.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 10ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2004. p. 83 -100.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coerência Textual**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Coesão Textual**. 19ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de Comunicação Como Extensões do Homem**. Tradução: Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo. SP: Editora Cultrix, 1974.

MENEZES, V.; SILVA, M.M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCCA, O. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MILTON, John. **Tradução: Teoria e Prática**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOITA LOPES, LUIZ PAULO DA. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: SP: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

OUSTINOFF, Michael. **Tradução: História, Teorias e Métodos**. Tradução: Marcos Marciolnilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1970.

Revistas:

PERISSÉ, Gabriel. Tradutores fazem. p. 38-41. In: **Língua Portuguesa**, ano 8, nº 90, 2013.

ⁱ Possui graduação em Sistemas de Informação pela UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio (1998) e graduação em Letras pela mesma universidade (2004). Com especializações nas áreas de Análise de Sistemas pela Universidade Estácio de Sá (2000) e em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2006), além de Complementação Pedagógica para a Docência do Ensino Superior também pela Cândido Mendes (2006). Possui Mestrado em Letras e Ciências Humanas (2014) pela UNIGRANRIO. Atualmente está cursando o Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio.

ⁱⁱ Bolsista de Produtividade em Pesquisa - FUNADESP/UNIGRANRIO; Líder do grupo de pesquisa - CNPq - Margens da Literatura. Possui Doutorado em Literatura Comparada, pela UFRJ (2000); Mestrado em Literatura Brasileira, pela, UERJ (1994). É professor da graduação em Letras, do PPG em Humanidades, Culturas e artes, da UNIGRANRIO (Mestrado e Doutorado) e do Núcleo de Artes Nise da Silveira, (III CRE - SME/ RJ).